

DIGA NÃO AOS COVEIROS DO CATOLICISMO

"Porque aqueles que foram uma vez iluminados saborearam o Dom Celestial, participaram dos Dons do ESPÍRITO SANTO, experimentaram a doçura da Palavra de DEUS e as maravilhas do mundo vindouro, e, apesar disso, caíram na apostasia, é impossível que se renovem outra vez para a penitência, visto que, da sua parte crucificaram de novo o Filho de DEUS e publicamente O escarneceram."

(Hb. 6, 4)

Excertos de uma carta de Santo Atanásio a seus fiéis

(SANTO ATANÁSIO, BISPO E DOUTOR DA IGREJA)

São os santos verdadeira fonte de sabedoria segura, e de considerações exemplares para nós. Muitas vezes as amarguras que sentiram diante dos problemas, tentações e embates são prenúncios daquilo que nós, homens comuns, um dia teremos como impossível evitar em nossas vidas privadas. Não à toa, são também tradicionalmente conhecidos como "Espelhos de Cristo".

Vejamos o que um desses reflexos do Verbo - Santo Atanásio - nos deu a conhecer, em uma carta dirigida aos fiéis perseguidos pela onda heterodoxa de sua época (o arianismo), que por sua vez continha, para espanto e escândalo de muitos, maior número que os ortodoxos.

(...)

"Que Deus vos console! O que vos entristece também é que os outros ocuparam as igrejas pela violência, enquanto que vocês estão fora. É um fato, eles têm os locais, mas vocês têm a fé apostólica. Eles podem ocupar nossas igrejas, mas estão fora da verdadeira Fé católica. Pensem bem, o que é mais importante: o local ou a fé? A verdadeira fé é evidente! Nesta luta, quem é o vencedor, quem é o derrotado? O que mantém o local ou o que guarda a fé? O local, é verdade, é bom, quando ali se prega a fé apostólica; ele é santo se tudo ali respira a santidade.

Vocês são felizes, os que permanecem na Igreja pela fé, vocês que estão firmes nos fundamentos da fé que lhes foi transmitida pela santa Tradição apostólica. E, se por diversas vezes uma inveja odiosa quis derrubá-la, foi em vão. São estes que se desligaram dela na crise atual.

Ninguém jamais prevalecerá sobre a fé, meus irmãos muito amados. E cremos que um dia Deus nos devolverá nossas igrejas.

Assim, portanto, mais eles se esforçam para ocupar os lugares do culto, mais eles se separam da Igreja. Eles pretendem representar a Igreja; na realidade, eles se expulsam a si próprios e se perdem. Os católicos fiéis à Deus na Santa Tradição, mesmo reduzidos a um pequeno grupo, são estes a verdadeira Igreja de Jesus Cristo."

Mais do que nunca, essas palavras de Santo Atanásio nos fazem refletir sobre a situação que sofrem todos os católicos nos tempos hodiernos. Vendo por incontáveis vezes, em inúmeros lugares, os sinais de apostasia e desprezo da fé, são estimulados a acreditar que o abominável é a regra dentro dos templos de Deus, e o cristianismo que antes era a seiva pulsante da sociedade ocidental, agora é mero apêndice incômodo e urticante, que irrita ao mero contato suave.

É, os tempos mudaram... Para pior!

Agora, padres que impedem os fiéis de se ajoelharem diante de Cristo Eucarístico durante a missa, dizendo: **"Não, não ajoelhem. Agora não é momento de adorar! É**

comemoração, refeição e festa! Ceia fraterna!". Coroinhas vestidas com micro-saias, e com vestes cujas costas e parte da cintura estão completamente - eu disse **COMPLETAMENTE** - visíveis.

Padres que fazem chacota das coisas sacras, brincando com as imagens do Cristo e dos Santos durante as homilias. Pessoas que antes foram ladrões de hóstias consagradas ou maçons, agora são "Ministros" e "ministras" extraordinários da eucaristia, com chaves próprias do sacrário e tudo mais. Bailarinos e raparigas dançando durante a celebração, teatros e representações com nítida inspiração pagã. Proibição de se ajoelhar ou mesmo de receber diretamente nos lábios o Corpo de Cristo, violando os direitos legítimos dos fiéis. "Visitas" do padre à assembleia durante a celebração da missa, omissão de orações e funções dele em favor dos "ministros extraordinários". Consagração coletiva das espécies eucarísticas do pão e vinho, "presidência" ministerial inserindo inapropriadamente orações e reflexões - com alto teor de termos inócuos - durante a missa.

"Show-missas" com padres cantores, freiras dançantes, irmãos consagrados guitarristas, bispos bateristas. Banhos de água benta distribuída através de arremessos de balde. Decorações litúrgicas grotescas: missa-queijo, missa-halloween, missa-dance, missa-rock, missa-balada, missa-caipira, missa-afro, missa-umbandista, missa-hindu, missa-budista, missa-xintoísta, missa-taoísta, missa-artística, missa-mágica, missa-carnaval, missa-campesina, missa-guerrilheira, missa-comunista, missa-teatral, missa-acrobática, missa-circo, missa-semi-nudista, missa-farofeira, missa-dark, missa-gótica, missa-wicca... Altares "exóticos", que vão desde a uma superfície de toco de madeira, uma mesinha de centro numa casa da periferia, o capô de um carro até caixas de papelão, canoas, mostruários infláveis de produtos alcoólicos, sacos de feno, na grama mesmo.

Homilias bombásticas, recheadas de politicagem rasteira, portentosas manifestações de vaidade ignorante, que quando não sabe o que falar, aproveita-se daquelas clássicas fórmulas que nada falam de substancialmente católico, tão etéreas e repisadas que são: *"O que importa é o amor!", "Vamos trabalhar por um mundo mais justo e fraterno!", "A comunidade humana deve sempre buscar a paz!", "Nós somos chamados a sermos mais humanos!", "A nossa tolerância para com o próximo é o que importa!", "O mundo precisa de nós, porque nós precisamos do mundo!"*. Quando não são vazias, erros doutrinários rotineiramente permeiam o começo, meio ou fim. Dizer *"Nossa Senhora, como nós, também teve os seus pecados..."* já não causa mais escândalo. Defender que Jesus foi um revolucionário social - apenas - também não; e muito menos dizer que toda a humanidade é Filha de Deus e pertence à Igreja!

Terço? Não, esta é a oração das velhotas caducas, incapazes demais para compreender os "tempos modernos" nos quais você reza de verdade enquanto pula a cerca de uma propriedade privada produtiva, sob os auspícios da CNBB e MST, para fazer destruição em favor da Igreja "povo de Deus"! É o terço do oprimido!

Meditação? Só a zen-budista, ou aquelas acompanhadas de atividades físicas orientais, como Tai Chi Chuan ou Yoga. O negócio é esvaziar a cabeça, acender o incenso e ficar no *OOoommmm.... OOOOooooommmm.... AAAaauuummmm...* ou talvez mofar ao som duma música "New Age" durante o banho de sais, convenientemente acompanhados de pirâmides ou cristais místicos, numa banheira de madeira feita por um ermitão do Himalaia!

Atos de misericórdia corporal? Mas os agentes do serviço social municipal já têm isso como função deles, e eu já não pago impostos ao governo para serem recolhidos os mendigos e indigentes das ruas. Atos de misericórdia espiritual? Quem sou eu para corrigir os que erram, ou consolar alguém, ou dar bom conselho? Há escolas e psicólogos para isso hoje, entupidos de teorias magníficas que respondem o que você quiser, do jeito que te for mais conveniente - afinal, tudo é relativo!

Devoções? Claro que temos! Afinal, não amamos de paixão a Britney Spears, a dupla Gino e Geno, a Avril Lavigne, bem como o Ronaldinho Gaúcho, o atleta Michael Phelps, as Tartarugas Ninja, os Pokemón, os Smurfs, Power Rangers, Bob Esponja... e até o Dalai Lama e aquela turma incrivelmente "sensata" que defende com unhas e dentes a eficácia do livro "O Segredo"?

Oração? Não é aquela coisa que se ensinam nas aulas de análise sintática, nas apostilas de gramática? Oração não é sinônimo - ordinariamente falando - de uma frase qualquer? Não? Ah, já sei! Oração é aquele negócio dos pentecostais, né? Tipo assim: "*Sahndalaybaricandara Sautiandara Belonbaradankara Marisuryanbala*"!

Deus do Céu, ajude-nos!

Se os tempos da Atanásio eram por eles considerados escandalosos e heréticos, a que epíteto deve esta modernidade corresponder? Satânicos, no mínimo?

Deixando o cinismo de lado, paro por aqui esse verdadeiro desfile de horrores, - e olha que não falei dos seminários, casas de (de)formação, editoras "católicas" e outros lugares onde as peripécias de uma mentalidade imbecil vão deixando seus rastros, emporcalhando o resto de catolicismo de fato que sobrevive no mundo - para lembrar ao mundo que se putrefaz diante do abandono do seu referencial absoluto (que é Deus Nosso Pai, e Jesus Cristo, Nosso Senhor) - mas paro consciente que a Igreja Católica vista por todos nós têm uma considerável responsabilidade nesse processo dessacralizador, e sua laicização favoreceu (e continua a favorecer) a desgraça do antropocentrismo, do modernismo, da heterodoxia e da síntese entre posições irresistivelmente irreconciliáveis.

Que a voz daqueles que são fiéis permaneça gritando a Verdade, antes que, no dia derradeiro, sejamos condenados por nossa omissão vergonhosa que levaria muitos à perdição perpétua. Retomar os postos perdidos para os bastiões da destruição, educar os povos segundo a Sã Doutrina, instigar-lhes vida santa e fidelidade àquilo que é certo e santo, defender a Igreja dos ataques que contra ela se levantam, cristianizar as gentes e imbuí-los de Cristo Jesus, seu Evangelho e da sua Tradição que permanece nos filhos fiéis da Santa Madre Igreja, evangelizar e favorecer de todos os modos e maneiras a Salvação.

É missão árdua, como foi a de Santo Atanásio, defender a integridade do verdadeiro catolicismo.

Mas a Força Suprema que o ajudou, também nos ajudará. Amém.

Fonte: <http://fideliumcoetus.blogspot.com.br/2008/08/excertos-de-uma-carta-de-sto-atansio.html>

Quando resistir ao Papa é um dever.

O caso singular do bispo Robert Grossatesta.



O nome do bispo inglês Robert Grossateste (1175-1253) é quase totalmente desconhecido do mundo italiano. Para os poucos que têm alguma erudição, ele é notável por sua genialidade no campo científico, onde suas obras são consideradas de valor inestimável, a ponto de lhe terem merecido o título de "pioneiro" de um movimento científico e literário, bem como de "primeiro" matemático e físico de seu tempo.

Mas Robert Grossateste foi acima de tudo um Bispo santo, que se distinguiu por seu zelo em promover a *salus animarum* e por seu amor ao papado.

Mente absolutamente prodigiosa e versada não apenas em estudos científicos, mas também no literário, teológico e bíblico, Robert Grossateste tornou-se bispo de Lincoln em 1235. "Desde que fui nomeado bispo – escreveu – considero-me o pastor e guarda das almas que me comprometo a cuidar com toda a minha força, porque do rebanho que me foi confiado vou prestar estrita conta no Dia do Juízo" [1]. Seu principal objetivo era de "reformular a sociedade através da reforma do clero" [2]. A disciplina austera que exigia de seus sacerdotes era conhecida em toda a Inglaterra: renúncia à recompensa pecuniária, obrigação de residência, reverência na celebração da Santa Missa, fidelidade na recitação do Ofício Divino, educação do povo, total disponibilidade para os doentes e as crianças. Com essas regras, o bispo Inglês, além de elevar o nível das pregações e do ensino do clero, queria melhorar sua conduta moral.

Mas uma das características mais originais de Grossateste foi a sua veneração pelo primado petrino, descrita nestes termos por um de seus biógrafos: "O mais interessante aspecto da teoria de Grossateste na formação e função da hierarquia eclesiástica é a exaltação do Papado. Ele foi provavelmente o papista mais fervoroso e resolutivo entre os escritores ingleses medievais." [3]

Tal veneração pela *plenitudo potestatis* do Romano Pontífice assume um significado todo especial e um alcance mais interessante em relação à sua próxima resistência a Inocêncio IV.

No ano de 1239, em discurso dirigido ao Decano e ao Capítulo de Lincoln sobre a hierarquia eclesiástica, Grossateste disse: "[...] seguindo o prefigurado no Antigo Testamento, o Senhor Papa tem o primado do poder sobre as nações e sobre os reinos, tem o poder de demolir e erradicar, destruir e dispersar, plantar e construir [...] Samuel era entre o povo de Israel como um sol, assim como na Igreja universal é o Papa e todos os bispos em suas dioceses". [4]

Em 1237, escreveu ele a um legado pontifício: "Deus não permita que a Santa Sé e os que a presidem, aos quais normalmente cumpre prestar obediência em tudo quanto ordenam, se tornem, pelo contrário, a causa da perda da fé para as pessoas que comandam, o que é contrário aos preceitos de Cristo e à Sua vontade. Deus não permita que para qualquer pessoa verdadeiramente unida a Cristo, não querendo

de forma alguma ir contra a Sua Vontade, esta Sé e aqueles que a presidem possam ser causa da perda da fé ou de aparente cisma, ordenando fazer aquilo que se opõe à vontade de Cristo.”

O bispo Grossatesta via com horror a simples idéia de desobedecer à autoridade eclesiástica legalmente constituída, pois considerava a obediência como a única resposta adequada a tal autoridade que vem de Deus. Mas a autoridade existe dentro de limites claramente definidos. Não há nenhuma autoridade além desses limites – *ultra vires* – e recusar-se a obedecer à autoridade quando ela ultrapassa esses limites não é um ato de desobediência, mas a afirmação de que a autoridade está abusando de seu poder. Muitos teólogos, como Suárez, acreditam que é lícito resistir até ao Papa, “se este faz algo manifestamente oposto à justiça e ao bem comum” [5].

Ninguém na Idade Média era tão convencido como Grossatesta de que o Papa possuía a *plenitudo potestatis*. Mas, com os medievais de seu tempo, ele sustentava que tal poder não é um poder arbitrário, e sim um ofício a ele conferido “para o serviço de todo o Corpo (de Cristo)”, que é a Igreja. Tal poder é dado ao Papa para a salvação das almas, para edificar o Corpo de Cristo, e não para destruí-lo. O Papa – nós não devemos nos esquecer – é o Vigário de Cristo, não o próprio Cristo, e deve exercer seu poder de acordo com a vontade de Cristo, e não em manifesto conflito com esta. Deus não permita – dizia Grossatesta – que a Santa Sé se torne a “causa” de um aparente cisma, ordenando aos fiéis qualquer coisa que se opõe à Vontade de Cristo Senhor.

A ocasião que provocou a resistência de Grossatesta dizia respeito ao problema dos benefícios eclesiásticos, cuja primeira função era o cuidado das almas. A complexa relação Igreja-Estado daquele tempo transtornou essa função, sendo os benefícios muitas vezes largamente concedidos a clérigos que não teriam podido (ou querido) de nenhum modo cuidar da grei a eles confiada. Aconteceu de o próprio Papa nomear para [receber] um benefício, uma prebenda ou um cabido, eclesiásticos que com frequência não residiam no lugar para o qual haviam sido designados, ou em alguns casos eram incapazes por um motivo ou por outro de se ocuparem disso. Por sua alta estima ao Papado, Grossatesta se opôs a esta prática, que tinha forte odor de simonia e às vezes de nepotismo. Ele aceitou plenamente as nomeações do Papa quando os beneficiários estavam em condição de cumprir as funções para as quais recebiam os benefícios. Tanto o poder papal quanto os benefícios tinham de fato para Grossatesta um único objetivo: a salvação das almas.

O Bispo inglês resistiu a este estado de decadência com todos os meios possíveis, especialmente através de um uso inteligente e sábio do direito canônico. Em 1250, já octogenário, ele foi até Lyon – onde então residia Inocêncio IV – e confrontou-se com o Papa em pessoa. “Ele simplesmente levantou-se [...]. O Papa Inocêncio

sentou-se com os seus cardeais e familiares para ouvir o ataque mais veemente e completo que um papa jamais ouviu em pleno uso de seu poder” (6).

O objeto da acusação era a falta de cuidado pastoral, que colocava a Igreja em um estado de profundo sofrimento. “O ofício dos pastores encontra-se em condições miseráveis. E a causa do mal deve ser encontrada na Cúria papal [...] que provê maus pastores para seu rebanho. O que é um ofício pastoral? Suas funções são variadas, mas, em particular, envolve o dever de visitas (aos fiéis)...” [7]. Agora, como poderia um pastor não residente prover a seu rebanho? A esta questão nem sequer o Papa podia responder. Grossatesta, além disso, ensinava mais pelo exemplo do que com palavras. Anos antes, em 1232, ele havia desistido de todos seus benefícios e gratificações, exceto uma prebenda que detinha em Lincoln, algo que o tinha coberto de ridículo aos olhos dos contemporâneos. Mas ele respondeu com estas palavras sublimes que revelam a nobreza de sua alma: “Se forem mais desprezados aos olhos do mundo, então serão mais agradáveis aos cidadãos do Céu” [8] .

A heróica visita do Bispo inglês a Inocêncio IV – heróica tanto pela ousadia do evento quanto pela idade avançada de Grossatesta – não teve nenhum efeito. O Papa dependia do sistema de comissão para manter a Cúria e para financiar as guerras intermináveis contra Frederico II.

Em 1253, o Papa deu a seu sobrinho, Frederico de Lavagna, um canonicato na catedral de Lincoln. Grossatesta recebeu a ordem de colocar em execução a vontade do Pontífice Romano e encontrou-se num terrível dilema. A ordem do Papa era absolutamente legal, já que ele tinha todo o direito de atribuir um canonicato e, como tal, era necessário obedecer. Mas, apesar de ser legal, a ordem era um claro “abuso de poder”, porquanto o sobrinho do papa nunca pusera os pés na terra dos anglos e, portanto, nunca exerceu seu ministério em Lincoln, para o qual, no entanto, teria recebido o benefício.

Neste caso, o Papa usou de seu cargo de Vigário de Cristo em sentido oposto àquele para o qual ele estava revestido. A resposta de Grossatesta foi recusar obedecer a uma ordem que era um claro abuso de poder. O Papa naquele momento estava agindo *ultra vires*, ou seja, além dos limites de sua autoridade. A resistência de Grossatesta não foi pelo fato de ele desconhecer a autoridade do Papa, mas pela imensa estima e respeito que tinha por esta.

O bispo Grossatesta se recusou a dar ao sobrinho do Papa o canonicato da Catedral de Lincoln e escreveu uma carta de reclamação e recusa, não para o Papa em pessoa, mas a um comissário, Mestre Inocêncio, através do qual ele recebera a ordem.

Eis o que ele afirma: “Nenhum fiel sujeito à Santa Sé, nenhum homem que não está excluído pelo cisma do Corpo de Cristo e da Sé Apostólica, pode obedecer a

determinações, regras ou outras ordens desse tipo, mesmo que elas viessem do mais alto coro de Anjos. Ele deve rejeitá-las e rejeitá-las com toda a sua força. Pela obediência que me liga e pelo amor que tenho à Santa Sé no Corpo de Cristo, como filho obediente eu desobedeço, contradigo e rebelo-me. Não se pode fazer nada contra mim, porque cada palavra minha e cada ação minha não é uma rebelião, mas um ato de honra filial devido ao pai e à mãe por meio do mandamento de Deus. Como eu disse, a Sé Apostólica em sua santidade não pode destruir, mas somente construir. Esta é a *plenitudo potestatis*: deve fazer tudo para a edificação. Agora, essas chamadas “comissões” não constroem, mas destroem. Elas não podem ser obra da Sé Apostólica, porquanto são ditadas “pela carne e pelo sangue”, que não possuem o reino de Deus, e nem do Pai que está nos céus” [9].

Comentando essas palavras, W. A. Pantin, em seu estudo sobre a relação entre o bispo Grossatesta e o Papado, escreve: “Parece haver duas linhas de pensamento aqui. A primeira, de acordo com a qual a *plenitudo potestatis* existe para edificação e não para destruição, todo ato tendente à destruição ou à ruína das almas não pode ser considerado um verdadeiro exercício da *plenitudo potestatis*... A segunda, conforme a qual, se o Papa ou qualquer outra pessoa ordenasse algo contrário à lei de Deus, então seria errado obedecer, e, finalmente, ao se afirmar a própria fidelidade, deve-se recusar a obedecer. O problema básico é que, enquanto a doutrina da Igreja é sobrenaturalmente garantida contra o erro, os ministros da Igreja, do Papa para baixo, não são impecáveis e podem formular julgamentos e emitir ordens erradas” [10].

“Não se pode fazer nada contra mim”, protestou Grossatesta, e os acontecimentos deram razão a ele. Quando Inocêncio IV leu a carta, irritado além da medida, queria pedir sua prisão, mas os cardeais o dissuadiram. “Sua Santidade – disseram – não tem nada que fazer. Não podemos condená-lo. Ele é um homem católico e santo, o melhor homem que temos, sem igual entre os outros prelados. O clero francês e inglês sabe disso e nossa intervenção não teria nenhuma vantagem. A verdade contida nesta carta, que é provavelmente conhecida de muitos, poderia empurrar os outros a agir contra nós. Grossatesta é estimado como um grande filósofo, conhecedor da literatura latina e grega, zeloso pela justiça, teólogo, pregador e inimigo de abuso.” [11]

Inocêncio IV percebeu que a melhor coisa a fazer era abster-se de qualquer intervenção. E assim foi. Nesse mesmo ano de 1253, o Grossatesta morreu. Em seu túmulo aconteceram muitos milagres e logo se tornou um local de culto e devoção, nem faltaram tentativas para dar início à sua causa de canonização. [12] A Inglaterra possui apenas um outro santo bispo, John Fisher, cujo amor e lealdade para com a Santa Sé não excedia o de Grossatesta. Certamente, se este tivesse vivido nos dias de John Fisher, não teria hesitado em dar, como ele, a vida pela Sé

Apostólica. Mas também é certo que, se John Fisher tivesse vivido no século XIII, sob o pontificado de Inocêncio IV, teria resistido aos abusos do poder papal.

O caso do bispo Grossatesta reveste-se de particular importância, pois sua resistência não é motivada por heresia, em cujo caso é opinião comum que não é necessário obedecer. Ele não defendeu a ortodoxia católica, mas se recusou a colocar em prática uma diretiva do Papa que ele considerava prejudicial para a *salus animarum*.

O “caso Grossatesta” fez história. Sylvester Prierias, insigne dominicano e estrênuo defensor da autoridade papal, em seu *Dialogus de Potestate Papae* (1517), citando as palavras e o exemplo de Grossatesta, afirmou que o Sumo Pontífice pode abusar de seu poder: “Se o Papa quisesse desperdiçar os bens da Igreja ou distribuí-los aos seus familiares, se quisesse destruir a Igreja ou praticar qualquer ato dessa magnitude, então seria um dever impedi-lo e uma obrigação opor-se a ele e resistir-lhe. A razão é que ele não possui o poder de destruir. Disto se segue que, se ele agisse assim, seria legítimo resistir-lhe.”

Durante o Concílio Vaticano I, o caso Grossatesta foi mencionado várias vezes, não para condenar a resistência do bispo Inglês, mas para mostrar que a *plenitudo potestatis* do Romano Pontífice – não obstante a infalibilidade papal que aquele Concílio estava para definir – tem limites bem definidos, não sendo nem absoluta nem arbitrária.

Ecoando as palavras de Grossatesta – “a Sé Apostólica em sua santidade não pode destruir, mas apenas construir” – o bispo D’Avanzo disse no Concílio: “Pedro tem tanto poder quanto quis dar-lhe Nosso Senhor, não para a destruição, mas para a edificação do Corpo de Cristo que é a Igreja.” [13]

E assim, depois de seis séculos, a resistência do maior “papista” dos bispos ingleses do século XIII contribuiu para a definição da infalibilidade pontifícia. Esta é a ironia de Deus, pela qual os Anjos e Santos – e também Grossatesta! – se alegram no céu.

* Nosso agradecimento a um caro amigo pela tradução fornecida.

[1] D. A. Callus, *Robert Grosseteste*, Oxford 1955, p.150.

[2] *Ivi*, p. 85.

[3] *Ivi*, p. 183.

[4] *Ivi*, p. 185.

[5] “Se il papa comanda qualcosa che sia contrario alla morale non bisogna obbedirgli. Se prova a fare qualcosa che sia contrario alla giustizia e al bene comune, è lecito resistergli. Se egli attacca con la forza, può essere respinto con la forza, con la moderazione propria di una giusta difesa”: *De fide*, disp. X, sect. VI, n. 16.

[6] M. Powicke, "Robert Grossatesta, Bishop of Lincoln", *Bullettin of the John Rylands Library*, Manchester, vol. 35, n. 2, march 1953, p. 504.

[7] M. Powicke, *King Henry III and the Lord Edward*, Oxford 1959, p. 284.

[8] D. A. Callus, cit., XIX.

[9] M. Powicke, *King Henry III and the Lord Edward*, cit., p. 286.

[10] W. A. Pantin, "Grosseteste's relations with the papacy and the crown", in D. A. Callus, cit., pp. 190-191.

[11] M. Powicke, *King Henry III and the Lord Edward*, cit., p. 287.

[12] Cf E. W. Kemp, "The attempted canonization of Robert Grossatesta", in D. A. Callus, cit., pp. 241-246.

[13] J. D. Mansi, *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio*, Parigi 1857-1927, LII, p. 715

Comentários para "Quando resistir ao Papa é um dever."

Leonardo 18 outubro, 2013 às 9:02 am

Texto fantástico!
Uma verdadeira aula para os ingênuos da nossa época!

Lucas Janusckiewicz Coletta 18 outubro, 2013 às 9:20 am

"Como filho obediente eu desobedeço, contradigo e rebelo-me."

Quanta falta hoje faz um bispo como este. Mas hoje para sermos obedientes ao legado de Nosso Senhor Jesus Cristo devemos desobedecer (salvo raríssimas exceções) todos os padres, todos os bispos e pelo jeito que vai indo as declarações do Papa sobre o pecado do homossexualismo, até ao Papa.

renato 18 outubro, 2013 às 9:37 am

As três negações de Pedro (1º papa) mostram que é possível até um Papa renegar a Fé. E na história da Igreja confirma isso, pois já existiram 37 antipapas (Hipólito, Novaciano, Félix II, Ursino, Eulálio, Lourenço, dentre outros), de um total de 267 (incluindo Francisco), ou seja, mais de 10% de "Suas Santidades" foram consideradas falsos pastores. Aliás, Jesus nos garantiu que a ovelha reconhece o "Bom PASTOR". E pelos "frutos se conhece a árvore"? (...)

Robert 18 outubro, 2013 às 9:40 am

Esse texto é elucidário para os "obedientes" in generis no mundo atual e no campo da Igreja contemporânea. Não só esse grande bispo, mas Suárez, São Roberto Belarmino, o Doutor Angélico Santo Tomás e outros também tratam deste delicado assunto. Em matéria de fé e perigo para a Igreja de Nosso Senhor.

Saulo 18 outubro, 2013 às 10:15 am

Sr. Ferreti, Este tópico deve ficar no topo do blog enquanto houverem "apologetas franciscanos" de plantão caindo de pára-quedas.

Gercione Lima 18 outubro, 2013 às 10:21 am

Estamos livres de ter que obedecer a Bergoglio, porque ele mesmo disse que temos que seguir é o que manda nossa consciência. Ele disse claramente que cada um de nós tem a visão do que é bom e mau e que temos que encorajar as pessoas a se moverem em direção ao que elas pensam que é bom.

É claro que essa opinião dele nada tem de Católica, porque embora cada um possua uma consciência, ela só o levará a Deus se for um espelho do que Deus determina: "Mas se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos".

Agora, qualquer um que tenha sua consciência formada pelo que a Igreja sempre ensinou, qualquer um que possua o mínimo de "Sensus Fidei" sabe diferenciar a voz do pastor da voz do lobo, pois foi um dos Apóstolos que nos advertiu:

Mas, ainda que alguém – nós ou um anjo baixado do céu – vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema. Repito aqui o que acabamos de dizer: se alguém pregar doutrina diferente da que recebestes, seja ele excomungado! Gálatas 1:8-9

Graças ao Espírito Santo nenhum desses modernistas que já sentaram na Cátedra de Pedro conseguirão promulgar nenhuma doutrina ou dogma que os Católicos seriam obrigados a obedecer. Mas farão muitos estragos e disseminarão muitos erros no âmbito das opiniões pessoais pra iludir e enganar até os mais devotos.

Estamos caminhando nas trevas, mas se mantivermos os olhos fixos na única luz que é Cristo e sua doutrina, ignorando o ruído das feras ao longo do caminho, conseguiremos alcançar o portal da vida eterna.

Leonardo Santana de Oliveira. 18 outubro, 2013 às 10:48 am

Já posso imaginar os católicos modernistas e liberais, sentimentais e românticos, tendo verdadeiros ataques de histeria ao ler esse texto rrsrrsrrs.

"Durante o Concílio Vaticano I, o caso Grossatesta foi mencionado várias vezes, não para condenar a resistência do bispo Inglês, mas para mostrar que a plenitudo potestatis do Romano Pontífice – não obstante a infalibilidade papal que aquele Concílio estava para definir – tem limites bem definidos, não sendo nem absoluta nem arbitrária."

Esse trecho é perfeito, serve bem para os nossos dias.

O que o Bispo inglês Robert Grossatesta diria se vivesse em nossos dias, onde os lobos do mundo inteiro aplaude e defende o Pastor do aprisco de Cristo? In Corde Jesu, semper.

Venicio de Matos Souza 18 outubro, 2013 às 11:03 am

Texto maravilhoso, muito produtivo e útil para a nossa realidade

José Imbroinise 18 outubro, 2013 às 11:59 am

A Igreja não é democrática, mas também não é uma autocracia despótica onde alguém com poder de governar, isto é, legitimamente investido de uma missão canônica, chega e se põe a fazer o que bem entender. Há limites bem claros para o exercício do poder eclesiástico, na exata medida em que tal poder está balizado pela Tradição divino-apostólica e também, em menor grau, pelas tradições eclesiásticas, usos e costumes da Igreja. Dá-se, porém, que o personalismo (ou seja, a vontade fazer valer, a qualquer custo, as próprias idéias e a própria vontade) se impôs como que regra geral nos meios eclesiásticos. Isso nos faz entender, por

exemplo, não só as invencionices litúrgicas, mas também os devaneios morais e doutrinários: são escolhas, preferências que, desgraçadamente, não se restringem àquele que prefere ou escolhe isso ou aquilo, pois governar significa tão-somente "dirigir, guiar a outros". Mas, ao personalista não interessa o que foi dito, quem ou quando disse, ainda que sejam, por exemplo, mais de duas centenas e meia de Papas e dezenas de Concílios ou mesmo N. S. Jesus Cristo. No fundo, só uma palavra é doce aos ouvidos do personalista, e é a seguinte: "eu, eu, eu".

"- Vejam como EU sou a medida de tudo, vejam como EU tenho miríades de coisas importantíssimas a dizer, vejam isso, vejam aquilo, e, por favor, ME vejam! sobretudo ME vejam!, pois minha periferia existencial demanda, súplice, essa piedosa esmola!"

Ora, qualquer um que tenha corrido ligeiramente os olhos sobre algum livro de doutrina espiritual sabe que os Santos e demais auctores probati sempre reprovaram as manifestações de vontade própria, de idéias próprias, de singularidades e idiossincrasias. Não é a pessoa (suas idéias, vontade) que deve aparecer, é a doutrina comum, a doutrina de todos, a doutrina de sempre. Não é a pessoa que deve aparecer, é função que exerce. Eis, então, a razão de ser dos protocolos: eles são impessoais. É por isso que os histriões e promotores de si próprios detestam os protocolos, pois isso lhes cerceia a liberdade (de aparecer). Assim por exemplo, salvo equívoco de minha parte, na liturgia de sempre acendem-se três velas no Altar quando um Bispo celebra, mesmo em dias feriais. Mas não é para o Bispo Sr. fulano de tal, primariamente, que se acendem as velas; é para *o* Bispo. A dignidade eclesiástica (o múnus) como que eclipsa a pessoa, de forma que resplandeça o ministério que ela exerce. É isso também que nos leva a manter algum respeito mesmo diante de indivíduos medíocres ou simplesmente imbecis; respeita-se a dignidade de que a dita cavalgadura está investida.

Mas tudo tem limite. Uma coisa é exorbitar de um protocolo, pisotear rubricas, expor-se gratuitamente ao ridículo; bem outra coisa é contrariar o que foi definido como matéria a ser necessariamente seguida por todos. 'Todos': um termo que, por definição, não admite exceção alguma.

Mas quem interpreta o que foi definido como matéria a ser necessariamente seguida?

Resposta: a hierarquia eclesiástica.

Note-se, no entanto, contra toda mistificação usurpação, que a doutrina católica não é algo esotérico cuja clareza deva passar como que pelo crivo mágico de uns poucos e doutos iluminados. A doutrina católica é pública e pertence a TODA Igreja; também a liturgia pertence a TODA a Igreja. Por outras palavras, é um atentado à constituição divina da Igreja como que "reduzi-la" ao clero; o clero não é TODA a Igreja; mais que isso: boa parte, com pouquíssimas exceções, dos cismas e heresias e demais desgraças que afligiram a Igreja foram promovidas por clérigos. E, embora caiba, por direito divino, à sagrada hierarquia, reger, ensinar e santificar TODA a Igreja, é preciso advertir aos que,

com seus desmandos, transtornam e perturbam a paz da Igreja que estes não prestam, ao Senhor, severas contas por seus atos. Era melhor que não tivessem nascido

Leonardo Santana de Oliveira. 18 outubro, 2013 às 12:20 pm

“Durante o Concílio Vaticano I, o caso Grossatesta foi mencionado várias vezes, não para condenar a resistência do bispo Inglês, mas para mostrar que a plenitudo potestatis do Romano Pontífice – não obstante a infalibilidade papal que aquele Concílio estava para definir – tem limites bem definidos, não sendo nem absoluta nem arbitrária.” Esse trecho é perfeito, serve bem para os nossos dias. Abraços tradicionais!!!
In Corde Jesu, semper.

Saulo 18 outubro, 2013 às 1:28 pm

SÃO ROBERTO BELARMINO: “... Assim como é lícito resistir ao Pontífice que agride o corpo, assim também é lícito resistir ao que agride as almas, ou que perturba a ordem civil, ou, sobretudo, aquele que tentasse destruir a Igreja. Digo que é lícito resistir-lhe não fazendo o que ordena e impedindo a execução de sua vontade” (De Romano Pontifice, Lib. II c. 29).

SANTO IVO DE CHARTRES: “Não queremos privar as chaves da Igreja do seu poder (...) a menos que se afaste manifestamente da verdade evangélica” (P.L. tom. 162, col. 240).

SÃO TOMÁS DE AQUINO: Havendo perigo próximo para a Fé, os prelados devem ser argüidos, até mesmo publicamente, pelos súditos” (Sum. Teol. II-II, XXXIII, 4, ad 2).

Henrique D.
18 outubro, 2013 às 12:51 pm

Obrigado Mons. Lefebvre por vossa `desobediência`.

Lu
18 outubro, 2013 às 1:34 pm

(...) O fato do bispo citado não ser canonizado não quer dizer que ele não seja santo. Muitos santos não foram canonizados... Não conheço nada da vida pessoal dele, mas a sua afirmação não procede. Com certeza há muitos mais santos não canonizados que canonizados.

M.Silva
18 outubro, 2013 às 1:49 pm

A coisa é simples: ultrapassar os limites da competência (=aquilo para o qual a autoridade foi instituída em se tratando de princípios e valores fundamentais de sua atuação, meios adequados à consecução de seus objetivos e fins perseguidos) configura abuso de autoridade, sendo ordens manifestamente ilegais, o que não obriga à obediência – EM QUALQUER SISTEMA JURÍDICO – inclusive o Canônico. Um simples Catecismo (o de S. Pio X) pode ensinar isso a quem não passou por uma faculdade de direito. Eis a justificativa para reconhecer a autoridade do Papa, mas não para a obediência cega a qualquer coisa que ele determinar. Não confundamos desobedecer a determinações extras ou contra a justiça com negação do reconhecimento da autoridade do Papa. O Bispo esteve certíssimo. Prefiguração de D. Lefebvre.

"Ai de vós que chamais ao bem de mal e ao mal de bem, colocando as trevas como sendo a Luz e a Luz como sendo as trevas."

(Isaiás 5, 20)

Texto compilado e enviado pelo internauta Marcelo Brandão, em 20/10/2013.



www.mariamaedaigreja.net